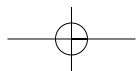
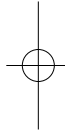
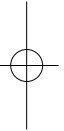


As rosas na parede da capela, o silêncio, os pássaros, os ne-
núfares que despertam nos tanques, os girinos que saltam da
erva para a água quando caminho ao longo das margens.

Eu sei, desde o princípio, que nunca deixarei este lugar; a
profundidade dos poços, a transformação do jardim ao longo
do ano, o silêncio pesado da capela, as ervas (a erva é feita de
folhas, de flores caídas e flores pequeninas que crescem, e um
movimento suave, e insectos) têm vultos submersos, homens
e mulheres, talvez crianças e cães, e as histórias formam-se
lentamente, como plantas, como animais; e posso continuar a
escrever a vida toda sem sair deste jardim.



(A clareira onde se ouvia a chuva mas só algumas gotas entravam, a escuridão e os raios de sol que abriam caminho entre a folhagem. E Rose encostada à árvore no meio da clareira, ouvindo o tempo; era disso também que o jardim falava, do tempo, como se tivesse surgido directamente do centro do universo e conservasse os mesmos sons e os mesmos cheiros; as minhas pegadas no centro do mundo.)



Estou deitada na erva, a humidade atravessa-me a roupa, os ramos das camélias desenham teias por cima de mim, e há cores, luz, vento, nuvens que passam entre as folhas; vejo a parede da capela, onde o decorrer dos anos fez surgir cinzentos, brancos, azuis, vermelhos; as rosas que estavam secas no Inverno agora estão em flor; se me erguer um pouco vejo o reflexo dos ramos no vidro da janela, uma parte do interior, uma janela igual, o jardim do outro lado, as árvores e o muro. E há no meu corpo um abandono que apenas conhecem os que são amados.

E quando a solidão se tornava insuportável, ele apareceu. Na verdade fui eu que o procurei, sem saber o que fazia, no nevoeiro e na chuva, perto do mar. Há muito tempo, quando o Inverno começava.

Era o princípio de Novembro e estava frio, muito frio, a mulher tiritava no compartimento do comboio. Vestia uns jeans e uma camisola branca, um casaco azul que fechara até cima, tinha as mãos nos bolsos e quase esquecera o livro pousado nos joelhos.

Ela era nova, uns trinta e dois anos, era bonita, um rosto branco e quente, a boca muito carnuda, o cabelo castanho e revolto afastado para trás com dois ganchos. A mochila que deixara no banco à sua frente continha alguma roupa, alguns livros, tudo o que possuía naquele momento.

Quando tinha uma casa rodeava-se de livros e objectos, o espaço à sua volta era um prolongamento dela mesma, mas quando ia embora nunca sabia o que levar, tudo era muito importante, tudo era pouco importante.

Havia sempre um homem e um livro, pelo menos um homem e um livro, um homem que algum tempo antes desejara com todas as suas forças e que agora não passava de um estranho, um livro que desejara com todas as suas forças e que morria lentamente debaixo dos seus dedos.



(Era o momento de fazer a mala e partir; ela nunca voltava ao local do crime.)

